

O Livro de Joel e a Igreja Adventista do Sétimo Dia laodiceana - Número vinte e seis

Jeff Pippenger

2026-01-12

Número vinte e seis

As quatro gerações de Joel representam uma destruição progressiva da vinha de Deus desde 1863 até a lei dominical. O número quatro também simboliza quatro atributos do caráter de Cristo. Os querubins no santuário têm quatro manifestações faciais, e essas manifestações se alinham com a divisão quádrupla do antigo Israel quando acampavam ao redor do santuário. Elas também representam os quatro evangelhos.

Quanto à semelhança de seus rostos, os quatro tinham o rosto de um homem, e o rosto de um leão, do lado direito; e os quatro tinham o rosto de um boi do lado esquerdo; os quatro também tinham o rosto de uma águia. Ezequiel 1:10.

E o primeiro animal era como um leão, e o segundo animal como um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como o de um homem, e o quarto animal era como uma águia voando. Apocalipse 4:7.

A Bíblia (Números 2) descreve as 12 tribos (com exceção de Levi, que acampava imediatamente ao redor do tabernáculo) organizadas em quatro acampamentos de três tribos cada, posicionados nos quatro pontos cardeais ao redor do santuário, cada um sob um estandarte, ou seja, uma bandeira ou insígnia. Esse arranjo criou um paralelo simbólico, no qual o acampamento terrestre reflete o trono celestial guardado pelos querubins.

Judá voltava-se para o oriente, em direção ao sol nascente, à entrada do santuário. O estandarte de Judá era um leão, pois representa o Leão da tribo de Judá. As duas tribos com Judá eram Issacar e Zebulom. Na visão de João, a primeira besta era como um leão, assim como os querubins de Ezequiel tinham rosto de leão. Rúben, o símbolo do homem, estava ao sul com Simeão e Gade. A oeste estava Efraim, com Benjamim e Manassés, representados pelo boi. Ao norte estava Dã, com Aser e Naftali, representados pela águia. A associação das tribos às quatro faces do santuário celestial está representada nos quatro evangelhos.

Mateus é o Leão da tribo de Judá, Marcos é o boi sacrificial, Lucas, o homem, e João, a águia que voa alto. Cristo, como o Leão da tribo de Judá, define a Si mesmo como aquele que sela e dessela Sua Palavra profética. O livro de Mateus tem mais referências diretas ao cumprimento de profecias messiânicas (12) do que os outros três evangelhos juntos. Não chega nem perto.

O livro de Mateus representa a Palavra profética de Deus. Lucas, que era médico, apresenta seu evangelho sob a perspectiva de Cristo como o Filho do Homem, pois Lucas é a face do homem. Marcos apresenta seu evangelho de Cristo sob a perspectiva da oferta sacrificial que Cristo representou, pois Marcos é o boi. João é a águia de voo elevado, que apresentou as coisas

profundas de Deus em sua apresentação do evangelho de Cristo.

É importante compreender o livro de Mateus como ele é representado dentro da Palavra profética. O livro de Mateus é o Leão da tribo de Judá, o Senhor de Sua Palavra profética, o Maravilhoso Numerador de segredos, o Maravilhoso Linguista, aquele que sela e dessela Sua Palavra. Jesus é o Alfa e o Ômega, e Ele é a Palavra. O primeiro livro do Novo Testamento e o último livro do Novo Testamento são livros proféticos. A maioria conhece esse fato sobre o livro do Apocalipse, mas talvez não tenham reconhecido que Mateus é o alfa do Novo Testamento, portanto deve alinhar-se com o ômega do Novo Testamento. Deve representar o fim, que é o livro do Apocalipse.

Portanto, quando encontramos em Mateus a linha paralela da história da aliança de Gênesis, exposta nos capítulos onze a vinte e dois, não é nada menos do que uma verdade que o Leão da tribo de Mateus está deslacrando. Os doze capítulos da história da aliança que estão representados em Gênesis, Mateus e Apocalipse estão agora sendo deslacrados, e o que estamos identificando é que o capítulo vinte e três de Mateus representa a separação dos sábios e dos tolos na parábola da vinha. Oito ais sobre o antigo povo da aliança, que encontram seu contraponto profético nas oito almas que representam os cento e quarenta e quatro mil que entram na arca de segurança. 23 é uma representação da obra que começou no Santuário celestial quando os 2300 dias chegaram ao seu fim em 22 de outubro de 1844, e o fará novamente na iminente lei dominical. O capítulo 23 está marcando essa verdade.

O capítulo vinte e quatro se passa quando Cristo acabara de encerrar Seu diálogo com o Israel apóstata e deixara o templo dos judeus pela última vez. O número 24 é um símbolo da transição do Israel antigo para o Israel moderno, o exato ponto da história profética em que Cristo se encontrava quando apresentou Sua mensagem em Mateus vinte e quatro. A mensagem profética de Mateus 24 é uma ilustração divina da metodologia de linha sobre linha, que trata especificamente da história dos mileritas e, portanto, da história dos cento e quarenta e quatro mil. O 24 é representado pela igreja de Apocalipse doze, que está sobre a lua que reflete a luz do sol da justiça. Sobre a sua cabeça há doze estrelas que representam 24, pois ela representa a história que conduz ao nascimento de Cristo, quando as 12 tribos do Israel antigo se tornariam os doze discípulos do Israel moderno. No capítulo vinte e quatro, está representada a história milerita de 1798 até o grande desapontamento. Em seguida, vem Mateus 25.

O número 25 é um símbolo dos levitas, sejam bons ou maus, mas, de modo igualmente significativo, representa a separação dos levitas sábios e ímpios. Mateus 25 identifica, com base em três testemunhas, ou três parábolas, o processo de separação que é representado pelo número vinte e cinco. Naturalmente, a parábola das dez virgens representa a história dos mileritas e também a história dos cento e quarenta e quatro mil. Essa história é a história do primeiro anjo; a parábola dos talentos é o segundo anjo; e a parábola das ovelhas e dos bodes é o juízo do terceiro anjo.

Os capítulos vinte e seis a vinte e oito descrevem a história desde a Páscoa até a comissão do evangelho após a crucificação.

E aconteceu que, tendo Jesus concluído todas estas palavras, disse aos seus discípulos: Vós sabeis que, daqui a dois dias, é a festa da Páscoa, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado. Mateus 26:1, 2.

Um resumo dos diversos marcos no capítulo 26 é o seguinte: a conspiração para matar Jesus nos versículos três a cinco. Depois, Jesus é ungido em Betânia nos versículos seis a treze. Nos versículos catorze a dezesseis, Judas trai Cristo por trinta moedas de prata. Depois veio a Páscoa com seus discípulos, nos versículos dezessete a vinte e cinco. Nos versículos vinte e seis a vinte e nove, Jesus institui a Ceia do Senhor e, no versículo trinta, Jesus prediz a negação de Pedro. Nos versículos trinta e seis a quarenta e seis, Jesus está no Getsêmani. Dos versículos quarenta e sete a cinquenta e seis, Jesus é preso; depois, nos versículos cinquenta e sete a sessenta e oito, Jesus está diante de Caifás e do Sinédrio. A partir do versículo sessenta e nove, apresenta-se a negação de Cristo por Pedro. O capítulo contém dez marcos específicos que devem ser repetidos durante os últimos dias.

O capítulo vinte e sete também possui dez marcos distintos. Jesus é entregue a Pilatos, depois Judas se enforca, depois Jesus é levado perante Pilatos, depois Barrabás é escolhido, Pilatos entrega Jesus para ser crucificado, depois Jesus é escarnecido, depois a crucificação, depois a morte de Jesus, depois Jesus é sepultado e então a guarda no túmulo dá testemunho.

O capítulo vinte e oito tem apenas três marcos, sendo o primeiro a ressurreição, seguido pela mentira do Sinédrio e, então, a grande comissão. Três capítulos com vinte e três marcos distintos da cruz que serão repetidos na história dos cento e quarenta e quatro mil.

Mateus 26 - Dez Marcos de Referência

1. Conspiração dos principais sacerdotes e dos anciãos para matar Jesus (vv. 3-5)
2. A unção em Betânia pela mulher com um frasco de alabastro (vv. 6-13)
3. Judas concorda em trair Jesus por 30 moedas de prata (vv. 14-16)
4. Preparação e refeição da Páscoa com os discípulos (vv. 17-25)
5. Instituição da Ceia do Senhor (vv. 26-29)
6. Predição da negação de Pedro (vv. 30-35)
7. Agonia no Getsêmani (vv. 36-46)
8. A traição e a prisão de Jesus (vv. 47-56)
9. Jesus julgado perante Caifás e o Sinédrio (vv. 57-68)
10. A tríplice negação de Pedro (vv. 69-75)

Mateus 27 - Dez Marcos no Caminho

1. Jesus entregue a Pilatos (vv. 1-2)
2. O remorso e o suicídio de Judas (vv. 3-10)
3. Jesus diante de Pilatos - o julgamento formal romano (vv. 11-14)

4. A escolha de Barrabás em vez de Jesus (vv. 15-26)
5. Pilatos entrega Jesus para ser crucificado (incluído na libertação de Barrabás)
6. Zombaria e açoites pelos soldados (vv. 27-31)
7. A crucificação (vv. 32-44)
8. A morte de Jesus (vv. 45-50)
9. Sinais sobrenaturais e sepultamento por José de Arimateia (vv. 51-61)
10. O destacamento da guarda no sepulcro (vv. 62-66)

Mateus 28 - Três Marcos do Caminho

1. A ressurreição e o sepulcro vazio (vv. 1-10)
2. A mentira dos principais sacerdotes e anciãos aos soldados (vv. 11-15)
3. A Grande Comissão (vv. 16-20)

Assim como a experiência de Cristo, desde a unção em Betânia até a Grande Comissão, marcou o encerramento de Seu ministério terreno e o início da proclamação do evangelho a todas as nações, esses mesmos marcos se repetem na experiência do remanescente de Deus, à medida que o remanescente se aproxima do fechamento da porta da graça e de seu triunfo final.

Os capítulos vinte e seis a vinte e oito representam a história da Páscoa estruturada com base em 23 marcos distintos que se repetem durante a história que antecede e sucede a lei dominical.

A vinda de Cristo como nosso sumo sacerdote ao lugar santíssimo, para a purificação do santuário, apresentada em Daniel 8:14; a vinda do Filho do homem ao Ancião de Dias, como apresentada em Daniel 7:13; e a vinda do Senhor ao Seu templo, predita por Malaquias, são descrições do mesmo evento; e isto também é representado pela vinda do noivo às bodas, descrita por Cristo na parábola das dez virgens, em Mateus 25. O Grande Conflito, 427.

O fim dos 2300 dias em 22 de outubro de 1844 repete-se na lei dominical. Os 23 marcos localizados nos três últimos capítulos de Mateus identificam o precioso sangue que é empregado para unir a Divindade à humanidade.

A intercessão de Cristo em favor do homem no santuário celestial é tão essencial ao plano da salvação quanto foi Sua morte na cruz. Por Sua morte, Ele deu início à obra que, após Sua ressurreição, subiu ao céu para completar. Devemos, pela fé, entrar além do véu, 'para onde o precursor entrou por nós.' Hebreus 6:20. Ali se reflete a luz da cruz do Calvário. Ali podemos obter uma compreensão mais clara dos mistérios da redenção. A salvação do homem é realizada a um custo infinito para o Céu; o sacrifício realizado corresponde às mais amplas exigências da lei de Deus violada. Jesus abriu o caminho ao trono do Pai, e por Sua mediação o desejo sincero de todos os que a Ele vêm em fé pode ser apresentado diante de Deus. O Grande Conflito, 489.

O capítulo 23 de Mateus enfatiza a condenação do sacerdócio falso. Os capítulos vinte e seis a vinte e oito são o ômega do capítulo vinte e três. Os levitas falsos, a rebelião crescente dos anciãos

ao longo de quatro gerações, produziram os marcos nos últimos três capítulos.

O capítulo vinte e quatro identifica a metodologia linha sobre linha como a metodologia de Cristo, pois Ele emprega a destruição de Jerusalém para descrever as coisas que são, as coisas que foram e as coisas que serão.

A queda de Jerusalém em 70 d.C. ocorreu no mesmo dia do ano em que Jerusalém foi pela primeira vez destruída por Nabucodonosor. A destruição de Jerusalém por Nabucodonosor era história passada e, na história de Cristo, a tomada de Jerusalém por Tito tipificou o fim do mundo. Mateus 24 eleva a metodologia linha sobre linha, identificando assim a "metodologia" como um elemento do testemunho profético.

É no capítulo 24 que Cristo identifica a necessidade de compreender a “abominação da desolação” de que falou Daniel, o profeta, o próprio entendimento fundamental de William Miller e o símbolo que estabelece a visão em Daniel. Também representa a rebelião do adventismo, pois rejeitaram o entendimento milerita sobre o “contínuo” no livro de Daniel e, assim, participaram do poderoso engano de 2 Tessalonicenses, capítulo dois. O capítulo conecta-se diretamente com Lucas 21, identificando assim de 11 de agosto de 1840 a 22 de outubro de 1844, o que tipifica 9/11 até a lei dominical. Também se conecta com os “tempos dos gentios” em Lucas 21:24, que é uma chave primária para desvendar os “sete tempos” de Moisés, ao mesmo tempo que se alinha com a medição do templo em Apocalipse onze.

Começando pelo capítulo vinte e três, seguido por 24 e 25, e então concluindo com os capítulos 26 a 27, três capítulos que possuem vinte e três marcos que são o ômega ao alfa do capítulo vinte e três. O capítulo vinte e seis somado a vinte e sete e vinte e oito é igual a "81", que é um símbolo do sacerdócio. Pelo testemunho de três (Gênesis, Mateus e Apocalipse), os capítulos 11 a 22 são uma linha. Os capítulos 23 a 28 são uma linha de verdade que começa com 23 e termina com 23.

Os capítulos de um a dez constituem a primeira de três linhas proféticas no livro de Mateus. Dez capítulos, seguidos por doze, e depois por seis. A Inspiração nos informa que todos os livros da Bíblia se encontram e se concluem no Apocalipse e, portanto, todos os livros da Bíblia se encontram e se concluem em Mateus. Mateus, como o rosto do leão da tribo de Judá, identifica doze profecias messiânicas distintas, e essas doze passagens produzem os marcos da história dos mileritas e dos cento e quarenta e quatro mil. Assim como o livro do Apocalipse começa com a revelação de Jesus Cristo, o capítulo um de Mateus apresenta uma revelação de Jesus Cristo que se conecta com a vida e o testemunho de Moisés, com a história do Anticristo, ao mesmo tempo que identifica os três elementos da igreja triunfante, representados pelo profeta, pelo sacerdote e pelo rei.

Mateus começa com a revelação de Jesus Cristo no contexto da aliança de Deus com um povo escolhido. De Abraão a Davi foram quatorze gerações, de Davi ao cativo na Babilônia foram quatorze gerações, e da Babilônia a Cristo são outras quatorze gerações. A genealogia de Cristo em Mateus se alinha com Moisés, pois Moisés é o alfa e Cristo, o ômega. A vida de Moisés, de cento e vinte anos, corresponde aos cento e vinte anos de tempo probatório na história de Noé. A aliança de Noé está, portanto, ligada à aliança de um povo escolhido. Os cento e vinte anos de Moisés

representam três períodos de quarenta anos que culminaram com Moisés matando o egípcio ao fim dos primeiros quarenta anos, e com a morte dos primogênitos, do Faraó e de seu exército ao fim do segundo período de quarenta anos. O segundo período de quarenta anos terminou com uma rebelião em Cades, e o terceiro período de quarenta anos terminou com a segunda rebelião de Cades. Todas as três linhas proféticas do alfa terminam em Cades, e as três linhas proféticas da genealogia de Mateus terminam em Davi, no cativo na Babilônia e no Mensageiro da aliança.

Quando o alfa de Moisés está alinhado com o ômega de Cristo, há seis testemunhas de Cades, que é 1863 e a lei dominical. A genealogia de Mateus coloca o rei Davi em Cades, que é onde o adventismo apóstata é levado para a Babilônia, enquanto Cristo confirma a aliança com os cento e quarenta e quatro mil. Ao colocar Davi na lei dominical, estabelece-se uma segunda testemunha de Davi, sendo Davi um de três representantes humanos que começaram a servir quando tinham trinta anos de idade. Cristo, Davi, José e Ezequiel começaram todos seu trabalho aos trinta anos de idade. Juntos, os quatro de trinta anos que começaram a servir representam a combinação da Divindade com a humanidade, quando a igreja militante é transformada na igreja triunfante. Essa igreja é composta por um profeta, um sacerdote e um rei. A transformação é marcada na lei dominical, que também é Cades, de modo que Davi na genealogia de Mateus se alinha com o Davi de trinta anos.

Os trinta anos de preparação se alinham com os quatrocentos e trinta anos da aliança de Abraão, e também com a idade de um sacerdote e com os 1290 anos de Daniel 12:11. No próximo artigo, consideraremos cada uma daquelas doze profecias messiânicas no livro de Mateus. Primeiro, estamos identificando três linhas proféticas em Mateus; capítulos um a dez, seguidos pelos capítulos onze a vinte e dois, e depois vinte e três a vinte e oito.

Por algum tempo após o desapontamento de 1844, sustentei, juntamente com o corpo adventista, que a porta da misericórdia estava então para sempre fechada ao mundo. Essa posição foi adotada antes que me fosse dada a minha primeira visão. Foi a luz que me foi dada por Deus que corrigiu nosso erro e nos permitiu ver a verdadeira posição.

Continuo acreditando na teoria da porta fechada, mas não no sentido em que, a princípio, empregamos o termo, nem no sentido em que ele é empregado pelos meus opositores.

Havia uma porta fechada nos dias de Noé. Houve naquela época um afastamento do Espírito de Deus da raça pecaminosa que pereceu nas águas do Dilúvio. O próprio Deus deu a Noé a mensagem da porta fechada: 'O meu Espírito não contendará para sempre com o homem, porque ele também é carne; porém os seus dias serão cento e vinte anos' (Gênesis 6:3).

Houve uma porta fechada nos dias de Abraão. A misericórdia deixou de interceder pelos habitantes de Sodoma, e todos, exceto Ló, com sua esposa e duas filhas, foram consumidos pelo fogo que desceu do céu.

Havia uma porta fechada nos dias de Cristo. O Filho de Deus declarou aos judeus incrédulos daquela geração: "A vossa casa vos é deixada deserta" (Mateus 23:38).

Olhando ao longo do curso do tempo até os últimos dias, o mesmo poder infinito proclamou, por meio de João: 'Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que

abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre' (Apocalipse 3:7).

Foi-me mostrado em visão, e ainda creio, que havia uma porta fechada em 1844. Todos os que viram a luz das mensagens do primeiro e do segundo anjo e rejeitaram essa luz ficaram nas trevas. E aqueles que a aceitaram e receberam o Espírito Santo que acompanhou a proclamação da mensagem do céu, e que depois renunciaram à sua fé e declararam que sua experiência era uma ilusão, desse modo rejeitaram o Espírito de Deus, e ele já não mais insistia com eles.

"Aqueles que não viram a luz não eram culpados por rejeitá-la. Somente a classe que havia desprezado a luz do céu é que o Espírito de Deus não podia alcançar. E essa classe incluía, como já afirmei, tanto os que recusaram aceitar a mensagem quando lhes foi apresentada, como também os que, tendo-a recebido, depois renunciaram à sua fé. Estes podiam ter uma forma de piedade e professar ser seguidores de Cristo; mas, não tendo uma ligação viva com Deus, seriam levados cativos pelos enganos de Satanás. Essas duas classes são apresentadas na visão — os que declararam que a luz que haviam seguido era um engano, e os ímpios do mundo que, tendo rejeitado a luz, foram rejeitados por Deus. Não se faz referência aos que não tinham visto a luz e, portanto, não eram culpados por rejeitá-la." Mensagens Escolhidas, livro 1, 62, 63.

São aqueles que, pela fé, seguem a Jesus na grande obra da expiação que recebem os benefícios de Sua mediação em favor deles, ao passo que os que rejeitam a luz que revela esta obra de ministração não são por ela beneficiados. Os judeus que rejeitaram a luz dada na primeira vinda de Cristo e se recusaram a crer Nele como o Salvador do mundo não puderam receber perdão por meio Dele. Quando Jesus, na Sua ascensão, entrou, por Seu próprio sangue, no santuário celestial para derramar sobre Seus discípulos as bênçãos de Sua mediação, os judeus ficaram na mais completa escuridão, para continuarem seus sacrifícios e ofertas inúteis. A ministração de tipos e sombras havia cessado. Aquela porta pela qual outrora os homens encontravam acesso a Deus já não estava aberta. Os judeus haviam se recusado a buscá-Lo pelo único caminho por meio do qual Ele então podia ser encontrado: a ministração no santuário celestial. Portanto, não encontraram comunhão com Deus. Para eles, a porta estava fechada. Não tinham conhecimento de Cristo como o verdadeiro sacrifício e o único mediador diante de Deus; portanto, não podiam receber os benefícios de Sua mediação.

A condição dos judeus incrédulos ilustra a condição dos descuidados e incrédulos entre os cristãos professos, que são voluntariamente ignorantes da obra de nosso misericordioso Sumo Sacerdote. No serviço típico, quando o Sumo Sacerdote entrava no lugar santíssimo, todo Israel era convocado a reunir-se em torno do santuário e, da maneira mais solene, a humilhar suas almas diante de Deus, para que recebessem o perdão de seus pecados e não fossem eliminados do meio da congregação. Quanto mais essencial é, neste Dia antitípico da Expiação, que compreendamos a obra de nosso Sumo Sacerdote e saibamos quais deveres nos são requeridos.

Os homens não podem rejeitar impunemente a advertência que Deus, em Sua misericórdia, lhes envia. Uma mensagem foi enviada do céu ao mundo nos dias de Noé, e a salvação deles dependia da maneira como tratassem essa mensagem. Porque rejeitaram a advertência, o Espírito de Deus foi retirado da raça pecadora, e eles pereceram nas águas do Dilúvio. No

tempo de Abraão, a misericórdia deixou de interceder pelos culpados habitantes de Sodoma, e todos, exceto Ló com sua esposa e duas filhas, foram consumidos pelo fogo descido do céu. Assim também nos dias de Cristo. O Filho de Deus declarou aos judeus incrédulos daquela geração: 'A vossa casa vos é deixada desolada.' Mateus 23:38. Olhando para os últimos dias, o mesmo Poder Infinito declara, a respeito daqueles que 'não receberam o amor da verdade, para que fossem salvos': 'Por esta causa Deus lhes enviará forte ilusão, para que creiam numa mentira; para que sejam condenados todos os que não creram na verdade, mas tiveram prazer na injustiça.' 2 Tessalonicenses 2:10-12. Ao rejeitarem os ensinamentos de Sua palavra, Deus retira Seu Espírito e os entrega às enganações que eles amam. O Grande Conflito, 430, 431.